

## A CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE

André Luiz Joasilho<sup>1</sup>

---

**Resumo:** *O discurso eugênico utilizado por muitos intelectuais a partir da década de dez, no entanto, antes de ser mais uma de novidade vinda da Europa, é adequado a nossa realidade, isto é, torna-se mais uma prática-discursiva, a partir da qual a sociedade, os indivíduos passam a ser compreendidos por uma ótica “modernizante”. Porém, este discurso vm somente reforçar práticas já existentes na sociedade brasileira.*

**Unitermos:** *nacionalidade, História do Brasil, eugenia, raça, discurso.*

---

A História do Brasil é uma “des-história”, isto é, apesar de tudo o que temos e construímos, tratamos o passado como uma desrealização, pelo menos esta é a visão dominante nos livros didáticos que refletem o modo de representar o passado de uma grande parcela dos intelectuais.

Desde a chegada da esquadra de Cabral em 1.500, até as últimas medidas tomadas pelo governo, vivemos uma não realização. Seria como, estando os objetivos traçados, em algum lugar, nunca, em nenhum momento histórico conseguíssemos atingi-los em termos políticos e econômicos. Isso acontece especialmente nos grandes momentos de crise nacional, como na Independência de 1822, na proclamação da República em 1889, na Revolução de 1930, no golpe de Estado em 1964, no fim da ditadura militar. Parece-nos que algo grande e bom estava

---

<sup>1</sup> Doutor em História, Professor Adjunto da Universidade Estadual de Londrina e do Programa Associado de Pós Graduação em História UEM/UEL.

para acontecer, mas nos foi roubado, geralmente pela elite dominante, tratada, quase que invariavelmente, como retrógrada, conservadora e anti-popular, frustrando o grande momento.

Esta visão do nosso passado histórico não deixa de ser uma herança, ou melhor, como a nação foi construída a partir da colonização portuguesa e da independência, e como se construiu a idéia de nação a partir do fim do século XIX.

Em primeiro lugar, temos a colonização, tendo como pano de fundo o patrimonialismo, isto é, o Estado é o mecanismo pelo qual a monarquia portuguesa estende o seu poder sobre os territórios considerados de sua propriedade. Assim, o Brasil era uma possessão da coroa, o que de certa forma forjou o pensamento político da camada dominante até meados do século passado, salvo poucas vozes contrárias, pois, essa mesma camada, dependia do Estado para manter a sua hegemonia. Cria-se quase que uma simbiose entre as atividades econômicas e políticas e o Estado, este sendo grande benfeitor e centro dos negócios.

Em segundo lugar, uma certa dissidência surge a partir de 1870. Ela ainda não se separou da visão patrimonialista, mas também não acredita mais na monarquia. Essa geração é marcada especialmente pelo cientificismo em voga. A sua principal diferença era crer que a razão pode elucidar e propor soluções.

Essa razão cientificista não deixou de provocar uma forte tensão entre a noção de indivíduo e de sociedade no ideário das elites brasileiras no período de 1890 a 1920. A preocupação com a universalidade do homem e a crença no progresso era constante. Através dessa razão, a elite, principalmente aqueles que se consideravam letrados, passou a discutir a formação e a situação do país, resultando disso críticas ao passado colonial e planos para o futuro.

Essas críticas ao passado colonial, fundamentadas pelo cientificismo, viam apenas a nossa má formação racial. A razão

anunciava: o progresso, a civilização estão na Europa. E a nossa elite foi educada segundo esses princípios. Sendo a razão científica universal e sendo o europeu que a atingiu, então deveríamos nos “europeizar”. No entanto, os “intelectuais” do período olhavam para o povo e viam uma massa de mestiços e negros. Primeiro grande problema: como atingir o progresso e a civilização com essa população? Não foram os asiáticos e africanos dominados pelos europeus? Estaríamos fadados ao domínio? Era necessário encontrar soluções.

A primeira veio fácil: branquear a população através da imigração européia. Conforme as concepções científicas, o branco europeu atingiu a razão por ser melhor. Com essa premissa, deduzia-se que ele era superior, logo, para grande parte da elite letrada no Brasil, a miscigenação produziria, pouco a pouco, uma população branca, e essa foi a grande contribuição brasileira para as teorias raciais na passagem do século.

Entretanto, essas teorias, no início do século, passam a ser contestadas. A superioridade européia se dá pelo seu aprimoramento racial, e não por qualidades inatas às raças. Tal premissa se coaduna com as recentes descobertas biológicas, principalmente aquelas ligadas ao campo da microbiologia, isto é, comprovou-se que, por exemplo, as doenças não eram fruto de miasmas ou geração espontânea, mas sim resultados da ação de seres vivos exteriores ao corpo humano. Isso significa que, se antes acreditava-se que a doença era gestada no interior do organismo humano, agora ela passa a ser vista como uma ameaça externa, modificando a própria noção de organismo.

A primeira solução passa, então, a ser questionada, logo, era preciso outra. Os olhares se voltam para a população brasileira. Ora, se a raça é fruto de um aprimoramento, conseqüentemente, pode-se fazer o mesmo com essa população. Novos planos, novas ações.

Dessa forma, o sujeito do branqueamento passa a ser o sujeito da depuração à guisa de produzir puros sangues. É em torno dele gestam-se práticas, maneiras de conformá-lo aos

discursos, aos planos, ao futuro da nação. Esse sujeito se torna o espelho de uma elite que se quer educada, culta, civilizada, asseada e branca. Ela deseja um povo à sua imagem e semelhança (por menos brancos que sejam alguns de seus membros). Ela deseja construir o indivíduo que é o elemento primordial do povo.

Idéias não faltam, planos não economizados. O importante é construir um sujeito que se adeque às normas, à sua própria moralização, que se controle e seja controlado pelas instituições. O importante é que esse sujeito seja aquilo que a elite quer ser: civilizado, obediente e que realize os planos, que ponha em prática as idéias. Que ele seja o futuro idealizado por essa elite.

No entanto, tentar traçar o quadro ideológico do início da Primeira República é problemático. Em primeiro lugar, apresenta-se confuso e disperso. Idéias, muitas incoerentes e incongruentes, pululam em jornais, revistas e livros e, em seguida, desaparecem sem vestígios, obedecendo a uma única lógica, a da novidade. Talvez esse quadro não fosse tão confuso se observássemos o período. O fim do regime imperial e o início da República não aparecem aos olhos dos cientistas, publicistas, políticos como mera passagem. Muito mais do que isso. É uma inauguração, ou melhor, fundação: a Pátria refunda-se.

Os últimos vestígios coloniais se apagam no passado, porém, este não deixa de ser o forjador da nação presente, e além disso, o próprio presente é fecundo, gesta-se a Pátria. Mas, não podemos nos esquecer que o *fin-de-siècle* se apresentava como um problema para a intelectualidade no Brasil, pois, afinal, do que era feita a nação? A primeira imagem que surge é o do inacabamento, ou melhor, o país estava em formação, e a geração pensante se transformava em gestadora do futuro.

A imagem de inacabamento permite a formulação de projetos, e a elite republicana traça planos. Antes de compreendê-los, devemos apontar as suas linhas mestras, e uma delas é o trinômio civilização, progresso e modernidade.

Entretanto, este trinômio é, na realidade, um destrinçamento de duas questões interligadas: raça e nacionalidade. Assim, forma-se um conjunto temático que tem os seus olhos na Europa, mais especificamente Inglaterra, Alemanha e França, que se constituem em avatares político, industrial e cultural, respectivamente, para os que pensavam sobre estas questões no Brasil.

Embora raça e nacionalidade sejam uma recorrência nos discursos a respeito da sociedade brasileira, de modo algum estas noções são formuladas de modo unívoco, e se estas forem conjugadas com o trinômio apontado acima, ficaremos com um grande problema, pois, civilização, progresso e modernidade são frutos de complicadas equações quando se tem na mente o resultado, que é raça e nacionalidade. Neste jogo matemático, o futuro aparece como possibilidade, desde que, solucionem-se corretamente as equações.

De qualquer forma, o conjunto temático se impõe a todos aqueles que procuram pensar na formação e no futuro do país, pois, não devemos nos esquecer que, em primeiro lugar, a chamada elite é composta por um círculo restrito de pessoas (Jeffrey D. Needell, 1993) e, em segundo lugar, a formação cultural e educacional delas é proporcionada por poucas escolas a elas dirigidas (Colégio Dom Pedro II, para o secundário, as Faculdades de Direitos de São Paulo e Recife, Escola Politécnica e Escola Militar, Clubes sociais e Salões (Idem, cap. 2 e 3). Nestes locais gesta-se um ideário que dificilmente se separará da própria elite republicana, principalmente, após 1895, quando a República se consolida, praticamente eliminando os últimos focos de resistência. Porém, apesar deste estreito circuito, não havia hegemonia dentro do conjunto temático, isto é, não havia univocidade nos discursos, a despeito dos temas em comum.

Com o declínio das teorias racistas no início do século e com a ascensão da eugenia (a purificação racial se daria pelo melhoramento contínuo dos cruzamentos), a própria noção de branqueamento também, lentamente, entra em declínio. Já não

era preciso o imigrante branco europeu para que a raça melhorasse, pois, poder-se-ia “produzir” os indivíduos necessários para a nação. Se o branqueamento representava a possibilidade de sair do atraso, agora o indivíduo pode ser produzido nos bancos escolares, nos quartéis, nas fábricas, ou seja, onde se pudesse instilar hábitos, comportamentos.

A eugenia, como meio de aprimorar a raça, é bem diferente da idéia de branqueamento na virada do século e se casa com o renascimento do nacionalismo nos anos dez.

Antes de ser uma excrescência da consciência de um determinado povo, o nacionalismo pode ser compreendido como uma tentativa de explicar a realidade e também de idealizá-la. Mas, o nacional como discurso tem a sua coerência interna ligada indissolúvelmente aos enunciados e, neste caso, parte desse discurso liga-se aos enunciados acerca do indivíduo que passa, aos poucos, a ser alvo de uma transformação de fora para dentro, uma transformação no seu caráter, nas suas disposições, nas suas vontades.

O nacionalismo que ressurge nos anos dez é diferente do nacionalismo romântico. Para este, o ideal de Pátria está na “alma” dos indivíduos, do povo. Já o nacionalismo renascido ele é fruto da ação efetiva de vários agentes (governo, exército, escolas, médicos, higienistas, engenheiros), ou seja, ele é fruto de uma ação externa sobre os indivíduos. Cria-se no indivíduo através de vetores o sentimento do nacional, ou seja, esse sentimento não é mais fruto de condições mesológicas ou hereditárias, e sim de “inoculações” externas: ensina-se o nacionalismo para as crianças, pensando-se em instilar hábitos, formar personalidades. Assim, por exemplo, os mestiços que antes eram tratados como degenerados racialmente, passam a ser vistos como doentes raciais e que podem ser regenerados.

A melhoria racial passa a ser fruto de uma intervenção direta de vários aparelhos institucionais e burocráticos diretamente sobre os indivíduos. Escolas, quartéis, hospitais, departamentos de higiene pública, como também associações

civis como a Liga Nacionalista, Associação Médica, ou pura e simplesmente através de artigos de jornais, revistas. Podemos observar isso com o artigo de um médico, diretor da Escola Normal, uma das principais escolas de São Paulo no início do século;

*“não nos iludamos: a oficina e a cultura do solo hão de ser o nosso salvamento, a nacionalização de nossas indústrias, a consolidação de nossa riqueza, tal como o quartel, a escola é hoje o cenário em que está operando esse aperfeiçoamento maravilhoso dos hábitos do civismo, de patriotismo, de ordem e de disciplina de nossa juventude [...]. E, quando, um dia, tornar-se em realidade o nosso ideal [...], então podereis cantar triunfantes e orgulhosos, a vossa grande obra: - a transformação radical do Brasil pela escola: o Brasil moderno dotado não somente de belos e extraordinários pensadores, como ainda de vigorosos e decididos braços, fatores do seu progresso material!” (Dr. Oscar Thompson, O Estado de São Paulo, 05/07/1917).*

Também podemos ver o artigo de um dos membros do Conselho Deliberativo, o primeiro-tenente Genserico de Vasconcellos, que dificilmente discordaria do diretor da Escola Normal, pois para ele:

*“a Terra é grande formosa e alegre. O homem é pequeno, porque ninguém o quis elevar. Pela educação tal qual quer a Liga Nacionalista, nós faremos o homem digno da Terra que habita, e o Brasil deixará de ser uma simples expressão territorial, para constituir-se uma nação na mais ampla significação do termo. E eu penso que não precisaremos de muitos anos para obter o que desejamos. A escola, o quartel e a oficina criarão gerações de homens esclarecidos, fortes e amigos do Brasil. A questão reduz-se ao apostolado dos homens bons e sãos” (O Estado de São Paulo, 07/07/1917).*

Ou ainda, com maior precisão, o educador Sud Menucci compreende que:

*“a idéia de Pátria - no seu sentido mais estreito e único concreto - nasce no indivíduo desde que compreenda e se acostume ao ‘habitat’ de sua própria terra. É um sentimento esse que se instala no mais bronco, no mais retrogrado dos homens” (O Estado de São Paulo, 16/05/1919).*

Os diagnósticos sobre a situação do brasileiro, principalmente no interior, são os da incúria e desleixo. Tal situação pode ser completamente alterada através do sentimento inoculado no caboclo, no homem simples, através da escola, do serviço sanitário e saúde pública, das casernas. Deve-se dedicar ao trabalho para a construção desse novo indivíduo. Novamente soluções idealizadas, traça-se novos planos, e novas fórmulas são destiladas para acabar com o atraso, para construir uma nova nação

Os imigrantes, tão requisitados para o branqueamento passam a ser vistos com desconfiança. Eles podem ser elementos de desagregação nacional, insuflando o separatismo, formando quistos culturais. Valoriza-se o nacional, mas não antes de passar por uma série de provações: o indivíduo nasce de sucessivos partos, já que ele não está pronto.

Talvez possa-se objetar de que essa plethora de discursos quase não foi encontrada, muito se falou e pouco efetivou. No entanto, a realidade funcionou como sempre funciona: ao fluxo de “forças sociais cegas”. O dirigismo da elite torna-se palavras ao vento, pois de efetivo pouco ou nada se fez. O indivíduo dos discursos não encontrou o seu correlato nas práticas. De qualquer forma, o indivíduo nacionalizado é melhor adequado às elites pensantes, do que aquele das teorias raciais, pois que, de qualquer forma, ele é natural, ou melhor, pouco se exige dos seus formuladores além de dizer o que os outros têm de fazer, pois mesmo o Estado após 1930, pouco fez em termos de

racionalização da sociedade. Entreviu em grandes aparatos, deixando ao léu as escolas, a saúde, os quartéis. Porém, a estratégia intervencionista persistiu enquanto uma prática discursiva, ou melhor, enquanto desejo de poder.

Talvez essa seja a nossa história: a história do que se desejou e não se cumpriu, ou idéias boas que nunca foram aplicadas. Mas será que aqueles que formularam idéias tão boas, na verdade, procuravam mais um lugar de destaque na sociedade do que realizá-las? Isso explicaria a vocação legiferante de intelectuais, sendo que:

*“no vício do bacharelismo ostenta-se também a nossa tendência para exaltar acima de tudo a personalidade individual como valor próprio, superior às contingências [...]. O que importa salientar aqui é que a origem da sedução exercida pelas carreiras liberais vincula-se estreitamente ao nosso apego quase exclusivo aos valores da personalidade. Daí, também, o fato de essa sedução sobreviver em um ambiente de vida material que já a comporta dificilmente. Não é outro, aliás, o motivo da ânsia pelos meios de vida definitivos, que dão segurança e estabilidade, exigindo, ao mesmo tempo, um mínimo de esforço pessoal, de aplicação e sujeição da personalidade, como sucede tão freqüentemente com certos empregos públicos” - como os de professor universitário? (Sérgio Buarque de Holanda, 1976, p. 116).*

O destino cego que o país é entregue, tanto na Primeira República, quanto no Estado Novo, e assim por diante, talvez se explique pelo excesso de personalismo, o que impediria uma ação conjugada de instituições pelo melhor controle da população. O que pode nos dar um certo alívio. Entretanto, as fórmulas, os desejos de futuro não se esgotaram, e a luta pelo poder de aplicá-las também não se esgotou.

Nesse sentido, as maneiras de compreender e explicar a

realidade brasileira na passagem do século apontam muito mais para um certo academicismo que gerou, pelo menos, no momento, poucas ações. Por outro lado, podemos compreender que elas retratam, de certo modo, a situação social do país: uma elite intelectual ou econômica distanciada do restante da população. De qualquer forma, a idealização do indivíduo nos anos dez, denota o estado da sociedade. É necessário “inocular” a moral, a civilidade, o nacionalismo numa massa apática e arredia. E os frutos, bem ou mal, foram colhidos alguns anos mais tarde, especificamente após 1930.

### **Notas:**

NEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 (original title: *A tropical belle époque. Elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro*. Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987).

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 10 edição. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

**Abstract:** At the end of the tenth, many intellectuals were utilising eugenics discourse. But, before being a newness arrival from Europe, it was proper for our reality, that is, it became a discursive practice from which society, individuals were thought by a “modernistic” focus. But, this discourse just reinforces common practices in Brazilian society.

**Key-words:** nationality, Brazil History, eugenics, race, discourse.